



EXAME FINAL NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

Prova Escrita de Português

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Prova 639/1.ª Fase

8 Páginas

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

2015

VERSÃO 1

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Deve riscar aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia o texto.

A música é outra coisa. Domenico Scarlatti trouxe para a abegoaria um cravo, não o carregou ele, mas dois mariolas, a pau, corda, chinguiço, e muito suor da testa, desde a Rua Nova dos Mercadores, onde foi comprado, até S. Sebastião da Pedreira, onde seria ouvido, veio Baltasar com eles para indicar o caminho, outra ajuda lhes não requereram, que este transporte não se faz sem ciência e arte, distribuir o peso, combinar as forças como na pirâmide da Dança da Bica, aproveitar o molejo das cordas e do pau para ritmar a passada, enfim, segredos de ofício que tanto valem como outros, e cuida cada qual que os do seu são máximos. O cravo foi deixado pelos galegos do lado de fora do portão, não faltava mais nada verem eles a máquina de voar, e para a abegoaria o levaram, com grande esforço, Baltasar e Blimunda, não tanto pelo peso, mas por lhes faltarem arte e ciência, sem contar que as vibrações das cordas pareciam queixumes magoados e por causa deles se lhes apertava o coração, também duvidoso e assustado de tão extrema fragilidade. Nessa mesma tarde veio Domenico Scarlatti, ali se sentou a afinar o cravo, enquanto Baltasar entrançava vimes e Blimunda cosia velas, trabalhos calados que não perturbavam a obra do músico. E tendo concluído a afinação, ajustado os saltarelos que o transporte havia desacetado, verificado as penas de pato uma por uma, Scarlatti pôs-se a tocar, primeiro deixando correr os dedos sobre as teclas, como se soltasse as notas das suas prisões, depois organizando os sons em pequenos segmentos, como se escolhesse entre o certo e o errado, entre a forma repetida e a forma perturbada, entre a frase e o seu corte, enfim articulando em discurso novo o que parecera antes fragmentário e contraditório. De música sabiam pouco Baltasar e Blimunda, a salmodia dos frades, raramente o estridor operático do Te Deum, toadas populares campestres e urbanas, cada qual suas, porém nada que se parecesse com estes sons que o italiano tirava do cravo, que tanto pareciam brinquedo infantil como colérica objurgação, tanto parecia divertirem-se anjos como zangar-se Deus.

Ao fim de uma hora levantou-se Scarlatti do cravo, cobriu-o com um pano de vela, e depois disse para Baltasar e Blimunda, que tinham interrompido o trabalho, Se a passarola do padre Bartolomeu de Gusmão chegar a voar um dia, gostaria de ir nela e tocar no céu, e Blimunda respondeu, Voando a máquina, todo o céu será música, e Baltasar, lembrando-se da guerra, Se não for inferno todo o céu. Não sabem, estes dois, ler nem escrever, e contudo dizem coisas assim, impossíveis em tal tempo e em tal lugar, se tudo tem a sua explicação, procuremos esta, se agora a não encontrarmos, outro dia será. Muitas vezes voltou Scarlatti à quinta do duque de Aveiro, nem sempre tocava, mas em certas ocasiões pedia que não se interrompessem os trabalhos ruidosos, a forja rugindo, o malho retumbando na bigorna, a água fervendo na tina, mal se ouvia o cravo no meio do grande clamor da abegoaria, e no entanto o músico encadeava serenamente a sua música, como se o rodeasse o grande silêncio do espaço onde desejava tocar um dia.

José Saramago, *Memorial do Convento*, 27.ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1998, pp. 178-180

1. Explícite o contraste existente no modo como o cravo é transportado, primeiro, até ao portão da quinta e, depois, até à abegoaria.
2. Explique a forma como, ao longo do excerto, a música de Scarlatti se vai articulando com os diferentes trabalhos de Baltasar e de Blimunda na abegoaria.

3. «Não sabem, estes dois, ler nem escrever, e contudo dizem coisas assim, impossíveis em tal tempo e em tal lugar» (linhas 29 e 30).

Justifique este comentário do narrador, tendo em conta o sentido das palavras de Blimunda e de Baltasar que o motivam.

B

Leia o poema.

BACH SEGÓVIA GUITARRA

A música do ser
Povoa este deserto
Com sua guitarra
Ou com harpas de areia

5 Palavras silabadas
Vêm uma a uma
Na voz da guitarra

A música do ser
Interior ao silêncio
10 Cria seu próprio tempo
Que me dá morada

Palavras silabadas
Unidas uma a uma
Às paredes da casa

15 Por companheira tenho
A voz da guitarra

E no silêncio ouvinte
O canto me reúne
De muito longe venho
20 Pelo canto chamada

E agora de mim
Não me separa nada
Quando oiço cantar
A música do ser
25 Nostalgia ordenada
Num silêncio de areia
Que não foi pisada

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Obra Poética*, ed. Carlos Mendes de Sousa, Alfragide, Caminho, 2010, p. 467

4. Refira dois dos traços que contribuem para a humanização da música nas cinco primeiras estrofes do poema, apresentando transcrições que comprovem a sua resposta.
5. Explícite a importância da música na construção da identidade do «eu», de acordo com o conteúdo das duas últimas estrofes.

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Escreva, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

«O olfato é uma vista estranha. Evoca paisagens sentimentais por um desenhar súbito do subconsciente. Tenho sentido isto muitas vezes», confessava Fernando Pessoa, no *Livro do Desassossego*. Um odor é, de facto, suficiente para desfolhar as páginas de uma história íntima. Ele mobiliza a nossa subjetividade e a nossa memória. Tem uma longuíssima duração.

- 5 Por vezes, tocados pela sugestão de um odor, os olhos alargam-se num perfeito sorriso ou alagam-se numa brusca emoção. Os odores permitem-nos viajar no tempo e dentro de nós. São um instrumento interno de rememoração. E a nossa memória é uma paleta de odores.

- A dificuldade de narrar um odor (é impossível fazê-lo com precisão, apenas com o recurso a metáforas e comparações lá chegamos) está bem expressa no diálogo perfumado de ironia das *Investigações Filosóficas*, quando Wittgenstein pergunta: «Procuraste já descrever o aroma do café sem conseguir?»

- 15 Num ensaio sobre a antropologia do olfato, David Le Breton escreve que as sociedades ocidentais deixaram de valorizar os odores. E dá dois exemplos: na época de Dürer, existiam na língua alemã mais de cento e cinquenta e oito palavras para designar cheiros diferentes. Dessas, apenas trinta e duas hoje subsistem, e frequentemente como formas dialetais muito localizadas. Pelo contrário, no mundo árabe-muçulmano, que mantém mais viva a sabedoria dos odores, há cerca de duzentos e cinquenta termos a ela relativos. E os odores fornecem metáforas para todos os domínios da vida, desde as imagens mais triviais às mais sofisticadas. Para lá, claro, de encherem habitualmente as casas e transbordarem agilmente pelas ruas.

- 20 Freud associa o recuo cultural dos odores ao progresso civilizacional das nossas sociedades. E diz que o olfato perdeu importância em favor da visão. O odor está demasiado próximo dos estádios primitivos, expõe excessivamente a individualidade, lembra que há uma corporeidade que não passa despercebida, como seria conveniente.

- 25 Passou-se a viver numa insegurança em relação às emanações do próprio corpo. A narrativa publicitária agudiza essa incerteza em nome da necessidade de vender desodorizantes e perfumes. Esforçamo-nos por esconder os odores naturais e levamos a cabo verdadeiras operações de recomposição das paisagens olfativas onde nos movemos. Cresce todo um comércio ligado ao olfato ambiental, com aromas para as várias divisões da casa e para o automóvel, líquidos que imitam o odor do pinheiro ou da lavanda, mesmo se os nossos estilos de vida nos distanciam cada vez mais da natureza. O nosso olfato capturado pelas diretivas do comércio torna-se mais controlado, mas também mais artificial.

José Tolentino Mendonça, *Expresso*, «Revista», 27 de setembro de 2014 (adaptado)

NOTAS

David Le Breton – antropólogo e sociólogo (n. 1953 –).

Dürer – artista plástico (n. 1471 – f. 1528).

Freud – médico neurologista, fundador da Psicanálise (n. 1856 – f. 1939).

Wittgenstein – filósofo (n. 1889 – f. 1951).

1. A citação do *Livro do Desassossego* (linhas 1 e 2) põe em destaque a
 - (A) conflitualidade entre dois sentidos, a visão e o olfato.
 - (B) singularidade do sentido do olfato, catalisador da rememoração.
 - (C) fugacidade das sensações resultantes da ligação entre a visão e o olfato.
 - (D) raridade das sensações proporcionadas pelo olfato.

2. O uso de parênteses nas linhas 8 e 9 justifica-se pela introdução de uma
 - (A) conclusão.
 - (B) transcrição.
 - (C) explicação.
 - (D) enumeração.

3. Os exemplos apresentados no terceiro parágrafo
 - (A) estabelecem um contraste entre dois universos culturais.
 - (B) justificam a importância dada aos odores no mundo ocidental.
 - (C) enfatizam o papel dos odores na evocação do passado.
 - (D) comprovam a impossibilidade de diferenciar os odores.

4. Na expressão «desde as imagens mais triviais às mais sofisticadas» (linha 18), os adjetivos significam, respetivamente,
 - (A) comuns e sensuais.
 - (B) conhecidas e misteriosas.
 - (C) banais e requintadas.
 - (D) sugestivas e luxuosas.

5. De acordo com os dois últimos parágrafos do texto, na atualidade,
 - (A) o odor natural é intensificado pelo consumo de vários odores artificiais.
 - (B) o odor natural exibe a dimensão física que o ser humano quer ocultar.
 - (C) o odor artificial é caracterizado enquanto afirmação da individualidade.
 - (D) o odor é valorizado na sua vertente natural e na sua vertente artificial.

6. Na expressão «paisagens olfativas» (linha 27), o autor utiliza
- (A) uma metonímia.
 - (B) um eufemismo.
 - (C) um paradoxo.
 - (D) uma sinestesia.
7. No contexto em que ocorre, a palavra «Dessas» (linha 15) contribui para a coesão
- (A) temporal.
 - (B) referencial.
 - (C) frásica.
 - (D) interfrásica.
8. Identifique o antecedente do pronome pessoal presente na expressão «há cerca de duzentos e cinquenta termos a ela relativos» (linha 17).
9. Identifique a função sintática desempenhada pela oração subordinada presente na frase «E diz que o olfato perdeu importância em favor da visão» (linha 21).
10. Classifique a oração iniciada por «mesmo se» (linha 29).

GRUPO III

Quer no espaço público quer no espaço privado, somos permanentemente sujeitos a estímulos sensoriais (visuais, auditivos, olfativos...), por exemplo, através de campanhas publicitárias. Se, por um lado, essa experiência pode ser considerada enriquecedora, pode, por outro lado, ser perspectivada de forma negativa.

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, defenda um ponto de vista pessoal sobre a problemática apresentada.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2015/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

GRUPO I

A		60 pontos
1.		20 pontos
Conteúdo	(12 pontos)	
Estruturação do discurso e correção linguística	(8 pontos)	
2.		20 pontos
Conteúdo	(12 pontos)	
Estruturação do discurso e correção linguística	(8 pontos)	
3.		20 pontos
Conteúdo	(12 pontos)	
Estruturação do discurso e correção linguística	(8 pontos)	
B		40 pontos
4.		20 pontos
Conteúdo	(12 pontos)	
Estruturação do discurso e correção linguística	(8 pontos)	
5.		20 pontos
Conteúdo	(12 pontos)	
Estruturação do discurso e correção linguística	(8 pontos)	
		<hr/>
		100 pontos

GRUPO II

1.		5 pontos
2.		5 pontos
3.		5 pontos
4.		5 pontos
5.		5 pontos
6.		5 pontos
7.		5 pontos
8.		5 pontos
9.		5 pontos
10.		5 pontos
		<hr/>
		50 pontos

GRUPO III

Estruturação temática e discursiva	30 pontos	
Correção linguística	20 pontos	
		<hr/>
		50 pontos

TOTAL **200 pontos**